

BORIS FAUSTO

LEMBRANÇAS DA GUERRA NA PERIFERIA

2



Guerra

A guerra é metaforicamente uma doença ou uma praga e foi assim que ela surgiu diante de meus olhos de pré-adolescente. A 1º de setembro de 1939, estava encerrado no andar superior de nossa casa paulistana da avenida Angélica, atacado de escarlatina. Interrompendo um estranho jogo de botões, jogado comigo mesmo à falta de parceiros, apurei a escuta e ouvi a conversa do médico da família com meu pai. Mais realistas, ou tendo menos a esconder do que os chefes dos estados-maiores, ambos falavam com preocupação de um longo conflito, cujo

desfecho era incerto e sem dúvida mudaria a face do mundo.

Até aquele momento, meu contato com os grandes acontecimentos coletivos resumia-se a imagens esparsas e, por algum tempo, continuaria a ser assim. Por volta de 1936, comecei a ler para meu avô cego o noticiário internacional do "Estadão" que, naquele tempo, era bastante extenso e informativo. Ouvindo as notícias da Guerra da Espanha, meu avô me perguntou se eu era nacionalista ou republicano. Sem saber o que responder, escolhi os nacionalistas. Ele me corrigiu, dizendo, sem

BORIS FAUSTO é historiador e professor do Departamento de História da FFLCH-USP. É autor, entre outros, de *História do Brasil* (Edusp).

CASA NA AVENIDA ANGÉLICA, ONDE O ENTÃO MENINO BORIS FAUSTO MOROU NA ÉPOCA DA 2ª GUERRA

Descontada a ingenuidade e o fato de que, na União Soviética, imperava um regime político tão terrível como o de Hitler, ainda que de natureza diversa - coisa que só vim a descobrir bem mais tarde -, é bom lembrar que nesta visão infantil havia uma verdade básica. Se os aliados não expressavam o bem supremo, o nazi-fascismo representava o mal absoluto, cuja vitória produziria um retrocesso trágico, como nunca ocorria na história da humanidade.

A opção pela frente antifascista, desde o começo da guerra, resultava da origem familiar judaica. Em nossa casa, os adultos evitavam comentar diante das crianças os fatos mais terríveis. Por exemplo, só vim a saber da tragédia dos campos de concentração quando, em 1945, vi no cinema as imagens dos sobreviventes de Auschwitz. Mas as crianças percebiam através dos gestos, da ansiedade, dos momentos de alívio e alegria dos mais velhos, que algo de decisivo estava em jogo.

A princípio, a maioria da população não mostrou preferência por um dos campos em luta. Isto só aconteceu com integrantes das etnias envolvidas no conflito, caso por exemplo dos italianos e japoneses que simpatizavam com seus países de origem ou apoiavam abertamente sua ação. Quanto aos demais, as simpatias variavam e a indiferença me parece ter sido muito comum, a não ser quando o conflito repercutia na vida quotidiana. Este quadro só mudou a partir da ruptura de relações do Brasil com os países do Eixo em janeiro de 1942, a que se seguiu, mais tarde, a declaração de guerra.

A adesão do Brasil aos aliados teve, em minha casa, uma conseqüência inesperada. Meu pai era judeu de origem, nascido no antigo Império austro-húngaro. Em sua carteira de identidade, modelo 19, figurava a nacionalidade austríaca. Sem muito entusiasmo pela origem, agnóstico, considerava-se mais brasileiro do que a patriótica segunda geração. Como gostava de lembrar, tendo chegado a estas bandas aí por 1912, tinha mais anos de Brasil do que qualquer um de seus filhos. Tanto assim que, já antes de estourar o conflito mundial, vinha tentando obter, em meio a mil dificuldades burocráticas, um título declaratório de cidadania brasileira, considerado superior a uma simples naturalização.

Após a ruptura de relações com os paí-

ses do Eixo, meu pai se converteu em súdito de nação inimiga. Para suas freqüentes viagens de negócios ao interior de São Paulo e ao Rio era obrigado a obter um salvo-conduto que devia ser continuamente renovado. Muitas vezes, cansado de pedir o documento, saltava do trem em estações próximas a São Paulo, evitando descer na estação da Luz ou do Norte onde teria de enfrentar um interrogatório policial.

Embora o vexame fosse ínfimo quando comparado ao que sofreram as populações européias dos países ocupados, ou mesmo os japoneses no Brasil, para minha família representava uma incompreensível e kafkiana injustiça: neste caso, a condição aparentemente benéfica de judeu não valia nada. Além disso, a nacionalidade de meu pai abria um flanco nas brigas minhas e de meus irmãos com nossa empregada caipira, filha de italianos. Quando a xingávamos de quinta-coluna, ela respondia tranquilamente: "semos".

A entrada do Brasil na guerra provocou, para bem ou para mal, uma onda de patriotismo, incentivada pela propaganda do governo. Por exemplo, era proibido falar idiomas do Eixo em público. Um dos meus tios estava sempre atento para que a ordem fosse cumprida. Um belo dia, chegou em casa orgulhoso de uma pequena derrota infligida às forças do Eixo: interrompera um cidadão que, em um boteco, conversava em italiano, ordenando sem meias palavras: "só língua portuguesa".

A vida quotidiana da população foi afetada pelo racionamento e pelo blecaute. Se excluirmos a ansiedade das famílias que tinham filhos na FEB, as restrições eram brincadeira quando comparadas às privações que vinham sofrendo os povos da Europa. Fazia-se fila, muito cedo, nas padarias, para entregar os cartões de racionamento e obter, em troca, a parcela correspondente de pão e de açúcar mascavo. Estávamos ainda longe da moda dos produtos naturais e esse açúcar "sujo" era desprezado. Pela escassez de farinha de trigo, a população culpava a Argentina - eterna rival - que estaria deliberadamente restringindo as exportações para o Brasil.

Faltava gasolina. Em substituição, os automóveis particulares utilizavam o gasogênio, colocado na parte traseira, em grandes cilindros que lembram os usados

hoje para o engarrafamento de gás doméstico. Em casa, não tivemos a experiência pessoal do gasogênio, pois os automóveis constituíam ainda um bem relativamente raro cuja posse constituía marca de riqueza.

Algumas pessoas obtinham no mercado negro, que ainda não tinha a denominação eufemística de “paralelo”, mais pão, açúcar branco e, sobretudo, gasolina. Era fácil identificar os carros com tubos de gasogênio, mas movidos de fato a gasolina: subiam ladeiras sem solavancos, com uma velocidade denunciadora.

Começaram também os blecautes, um exercício para enfrentar improváveis bombardeios. Os blecautes tinham um aspecto cívico e um aspecto lúdico. Apagavam-se as luzes da rua, apagávamos as luzes de casa e, grandes e pequenos, ficávamos sentados diante do velho rádio Pilot para ouvir as notícias. Quando o locutor discursava, cantando as virtudes do povo paulista que respondera aos apelos e ajudara a lançar a cidade na mais completa escuridão, nos enchíamos de orgulho. Éramos parte integrante do povo paulista e contribuintes, embora em mínima escala, para o esforço de guerra.

Mas o blecaute era sobretudo uma liberação do controle dos adultos e um momento festivo. Os meninos passavam alguns minutos concentrados diante do rádio e logo corriam pelos corredores e pelo grande quintal da casa que, às escuras, ganhava maiores e misteriosas dimensões. Com revólveres prateados de brinquedo entre os dedos, carregados com espoletas, atirávamos uns nos outros. As espoletas falhavam muito, contribuindo para aumentar o “suspense” do jogo-teatro. Quando alguém era atingido, tinha por obrigação morrer ou ficar gravemente ferido, rolando pelo chão. De repente, as luzes voltavam e o encanto se quebrava.

No mundo da escola, mais precisamente no Colégio Mackenzie, nesses tempos de Estado Novo, a direção tinha o cuidado de não deixar a menor margem de suspeita quanto ao apoio ao governo. Por ocasião das festas, dávamos vivas entusiásticos tanto a nossa diretora quanto ao dr. Getúlio Vargas. No plano da política internacional, era clara a opção mackenzista pelos Estados Unidos. Aprendíamos inglês, reconhecíamos de longe a bandeira americana, cantávamos hinos religiosos protestantes e

“God Save America”, em uma tradução mambembe.

Comparativamente mais liberal do que outras escolas para os padrões da época, o Mackenzie atraiu um bom número de meninos judeus. Os judeus alemães haviam escapado dos nazistas e sofrido na carne as primeiras perseguições. O liberalismo ténue do colégio não impedia a existência de alguns professores francamente xenófobos. Dentre eles, destacava-se nosso professor de ginástica e folclorista. Ele atirava na cara dos filhos de estrangeiros a frase discriminatória: “uma gata pode parir dentro de um forno, mas nem por isso suas crias são bolinho”, versão popularizada do princípio do *jus sanguinis*.

O alvo principal eram os meninos fugitivos da guerra, de mãos trêmulas, ar de resfriado constante, alguns deles carregando no rosto óculos pesados, de lentes grossas, recortadas de fundo de garrafa. Em uma escola que cultivava o trabalho manual e a educação física, esses meninos eram alvo de um desprezo generalizado.

Nas lutas de relações que constitui ou pelo menos constituía a pré-adolescência, a violência maior partia dos próprios colegas, imitando o sotaque da fala ou aterrorizando os mais traumatizados com o som de aviões de bombardeio. Quando o hoje sociólogo Gabriel Bolaffi, corajosamente, tratou de defender as vítimas, dizendo que também era judeu, descobriu que o preconceito pode ter muitas categorias distintas: “deixa de bobagem Gab, o negócio não é com você, você não é judeu branquinho”.

Vivi os episódios da guerra, com sentimentos opostos. Nos primeiros tempos, quando minha compreensão era menor e os nazistas acumulavam vitórias por toda parte, interiorizei o clima de muita apreensão reinante em casa. No dia em que os alemães entraram em Paris, meu pai chegou da cidade, de cara fechada, fumando mais do que nunca. Não trazia nas mãos o pacote bemfeito da Casa Godinho, contendo os pepinos em salmoura e os arenques que tanto apreciava.

Quando a situação foi se alterando na Europa, os acontecimentos passaram a ser um jogo em que, cada vez mais, se alcançava a vitória. Os milhões de mortos e feridos, aqui na periferia, eram apenas figurantes dos jornais cinematográficos de

atualidades, onde o sangue não escorria.

Com enorme admiração, acompanhei a batalha da Inglaterra, repetindo a arquiconhecida frase de Churchill, "só lhes ofereço sangue, suor e lágrimas"; vivi, ao longo dos dias e dos meses, a resistência soviética em Stalingrado; quase atravessei o deserto do norte da África junto com os ingleses, quando eles repeliram o general Rommel, às portas do Cairo. Os desembarques na Itália e na Normandia, a retomada de Paris foram saudados com o mesmo entusiasmo com que cantava a "Canção do Expedicionário", produto da inspiração canhestre do maestro Spartaco Rossi.

Por sua vez, o rádio contribuía para acentuar o clima lúdico do fim da guerra. Quando as clarinadas do "Repórter Esso", "o primeiro a dar as últimas", "testemunha ocular da notícia", anunciavam a voz de Heron Domingues, era certo que algum cruzador tinha sido afundado, alguma linha de frente inimiga desbaratada. Os concursos de sempre, do tipo "quem sabe mais, o homem ou a mulher", entremeavam-se com outros em que se perguntava, por exemplo, em que dia os aliados entrarão em Berlim?

Ao mesmo tempo, a política nacional começou a fazer parte da minha vida na medida em que me tornava um adolescente e a oposição a Getúlio surgia à luz do dia. Do seu desprezo pela política brasileira, Jacques excluía um personagem digno, encerrado em uma masmorra pelos esbirros do Estado Novo. Para mim, Prestes era uma fusão das imagens de Tiradentes e do conde de Monte Cristo. Mas, ao lado da admiração por Prestes, havia a atração pela democracia ocidental, resultante direta da experiência da guerra, corporificada aqui na União Democrática Nacional.

A candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes despertou meu primeiro entusiasmo pela política nacional e me permitiu um dos primeiros atos de opção pessoal, em questões públicas, no interior da família. Por minha iniciativa, uma foto colorida do Brigadeiro ficou colada na parede de nossa sala de jantar durante toda a campanha.

Entretanto, meu sonho era a realização de uma aliança entre a UDN e o PC. Em anos posteriores, considerei o sonho apenas um desejo ingênuo até que soube da existência de figuras intelectuais de prestígio no interior do PC, gente como Caio

Prado Jr. e Astrogildo Pereira, que tinham defendido o apoio dos comunistas ao Brigadeiro. No fundo, a aliança era mesmo uma quimera: o PC preferia aliar-se aos piores personagens a entrar em entendimentos com os liberais-conservadores. Estes nem queriam saber dos comunistas liberticidas e inimigos da propriedade.

Nos primeiros meses de 1945, multiplicaram-se os anúncios, logo desmentidos, do fim da guerra. Até que, em um dia de abril daquele ano, as sirenes da *Gazeta* soaram fora de hora, não para anunciar o meio-dia, como acontecia sempre, mas para saudar a rendição incondicional da Alemanha. O povo encheu as ruas, embora a cidade fosse ainda relativamente provinciana e não se visse nada comparável à campanha das diretas. Daquele dia, guardo a imagem de um homem andando altaneiro em frente ao Teatro Municipal, com uma bandeira vermelha na mão, onde estavam estampados a foice e o martelo. Algum tempo depois, a cidade vibraria de entusiasmo, com a volta dos "pracinhas" desfilar pela avenida Pacaembu.

Em sentido estrito, o conflito mundial ainda não terminara. Restava a luta no Pacífico que se prolongou por alguns meses. Mas essa luta, aqui na periferia, perdeu o interesse, por ser travada em um cenário longínquo e ter um desfecho previsível. Nem mesmo o terrível episódio de Hiroshima, cobrindo toda a primeira página do "Estadão", despertou em mim muita emoção. Talvez fosse um mecanismo de defesa, evitando assim constatar que a encarnação do bem não hesitava em perpetuar muitas maldades, em busca da destruição do inimigo.

O último mês do ano que marcou o fim da guerra e os anos seguintes se encarregaram de desfazer muitas ilusões. Sem conhecer o elitismo udenista, o peso da máquina pessedista e o prestígio de Getúlio, a vitória de Dutra sobre o Brigadeiro provocou em mim a primeira grande desilusão política.

Ao mesmo tempo, a frente única do bem se desfez rapidamente diante de meus olhos, com o início da guerra fria. Nem todo bem estava de um lado, nem todo mal estava do outro. Primeiros fios de barba, opções complicadas. O mundo perdera seu encanto.